

NORBERTO ÁVILA

algun teatro

III

Magalona Princesa de Nápoles

O Marido Ausente

As Viagens de Henrique Lusitano

A Donzela das Linzas

Uma Nuvem sobre a Cama

Título: Algum Teatro
Vol. III

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1660-4

Depósito legal: 294 430/09



NORBERTO ÁVILA

algun teatro

III

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

O MARIDO AUSENTE

(1988)

Comédia escrita em 1988, correspondendo ao primeiro convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Apresentada pela RTP-2 em 1991, numa realização de Herlander Peyroteo, com Susana Borges na protagonista. Traduzido em polaco, francês e italiano, foi escolhida para representar a Dramaturgia Portuguesa em várias cidades europeias, no âmbito das jornadas Teatro Europeu Hoje: em Paris (1991), Veneza (1991), Génova (1992), Bruxelas (1992) e Lisboa (1993). Refira-se ainda a sua apresentação como leitura-espectáculo, integrada no XI Festival de Bayona, França (1991). 1.ª edição em 1997 (Edições Colibri, Lisboa).

«A comédia de Norberto Ávila é não só um bom achado, como uma das suas melhores obras dramáticas, com um diálogo vivo, inteligente, carregado por uma ironia que o tornou extremamente comunicativo, uma caracterização dos personagens e situações bastante rica, ao mesmo tempo com imaginação e teatralmente verosímil [...].»

CARLOS PORMA, *Diário de Lisboa*.

«O *Marido Ausente* é uma peça de Norberto Ávila, a quem se reconhecem excelentes qualidades do escritor-dramaturgo [...]. Um texto que revolava à partida enormes potencialidades [...] de uma riqueza admirável [...] consegue ser simultaneamente histórico-cultural e atemporal.»

FÁTIMA LOPES, *Diário Popular*.

«O texto de Norberto Ávila, dramaturgo que é urgente conhecer, está muito bem construído. Vivo na fluidez dos diálogos, rico e inteligente [...].»

JAMES GUEDES, *O Dia*.

«A peça é um belo exercício literário [...]. Oitenta minutos de humor regulado, oitenta minutos de cultura vista do direito e do avesso [...].»

MANUEL JOÃO GOMES, *O Europeu*.

«Comédia engenhosa, de grande fantasia, com diálogos vivos e réplicas divertidas [...].»

ANTÓNIO RITA SANTOS, «Fim de Semana», *O Diário*.

«Rico e intenso em informação, o texto permitiu a concepção de um espectáculo divertido (já que de uma comédia se trata), lúdico com bases firmes na segura 'carpintaria' teatral de um dos nossos mais reconhecidos, traduzidos e representados dramaturgos.»

PAULO CARRETTAS, *A Capital*.

O MARIDO AUSENTE

Comédia assincrónica

Personagens:

PENÉLOPE LASCARIS

DR. SOTIRIS

1.º PRETENDENTE, Solimão, o Magnífico, sultão da Turquia
(século XVI)

2.º PRETENDENTE, Ivan, um príncipe russo (século XVIII)

3.º PRETENDENTE, Otão I, filho do rei Luís da Baviera (século XIX)



Muito embora seja admissível atribuir o desempenho dos três pretendentes a diferentes actores, melhor será que um só actor se encarregue da interpretação sucessiva das referidas personagens.

A acção, sendo assincrónica, evoca tempos muito diversos, da Antiguidade Grega à Segunda Guerra Mundial. A representação — dada a estrutura da obra e tanto quanto é respeitável a opinião do autor — deve decorrer sem qualquer intervalo.

Escritório-biblioteca de Penélope Lascaris. Na maioria dos aspectos, reconstituição quase minuciosa do ambiente da Antiguidade Grega: colunas, estátuas em respectivos pedestais. Uma delas poderá ser de Pallas Ateneia. O busto de algum filósofo. Ou de algum poeta: Homero, por exemplo.

Ao lado esquerdo, entre duas colunas, porta envidraçada, aberta de par em par. Através da cortina diáfana descobre-se um trecho do jardim luxuriante.

Ao lado direito, também entre duas colunas, porta que dá para outro compartimento do palácio, presumivelmente uma antessala.

Também entre duas colunas, mas ocupando maior espaço, estantes com livros, simples e elegantes. É este o fundo para a mesa de trabalho de Penélope, com respectiva cadeira condizente. Sobre a mesa, uma máquina de escrever (dos anos 30, Remington, segundo se diz), mas completamente dourada; livros e maços de papéis.

Ainda ao lado esquerdo, já quase ao centro e junto da mesa de trabalho, uma cadeira mais aparatosa, que faz lembrar um trono.

No lado oposto, bastante mais chegado à frente, uma espécie de canapé, com um só respaldo numa das extremidades. Entre ele e a mesa de trabalho, um largo tamborete.

Onde melhor convier, em lugar de menos destaque — à esquerda, por exemplo —, um pequeno toucador, com a tripeça que lhe é própria.

Todos estes móveis inspirados nos que se podem ver nos vasos cerâmicos e nos baixos-relevos da Grécia Antiga. Penélope, sentada à mesa, impecavelmente vestida e penteada à grega, escreve à máquina.

PENELOPE — «... Por esta razão, Ulisses bem-amado, é meu propósito guardar-me fiel ao compromisso de um amor eterno.» (Pausa.) «Ulisses: — Em qualquer circunstância, das quais a menor não será o nosso afastamento por motivo de guerra inesperada. — Penélope: — Sim, a defesa da Pátria... — Ulisses: — O necessário combate por alguma causa indubitavelmente...» Indubitavelmente, não. (Inutiliza a palavra.) «Inegavelmente justa.» Portanto: «O necessário combate por alguma causa negavelmente justa.»

(Numa prateleira da estante, retine um despertador.)

PENELOPE (interrompendo o trabalho) — Pronto. Obrigada, Cronos de trazer por casa. Cumpridor, como sempre; zelador impecável. (Volta-se para trás, toma o relógio e, abrindo a gaveta da secretária, guarda-o. Ouve-se-lhe ainda,

por um instante, o repenicar da campainha.) Pausa no trabalho. (E procede a uma ligeira arrumação da papelada e dos livros. Levanta-se e, a passos seguros mas tranquilos, dirige-se ao pequeno toucador. Senta-se na tripeça, voltada para o público, frente ao espelho imaginário, de que só a fina moldura se ergue na tampo da mesita.) Retoquemos agora o frontispício. (E põe-se a corrigir e a aperfeiçoar a maquiagem.) Tempo, impiedosa divindade, não te esforces demasiado no exercício das tuas funções. Sê generoso para com esta pobre mulher, retarda quanto puderes o aparecimento dos sinais com que vais marcando a decadência dos corpos femininos. E masculinos também. Oh, não venhas ainda lavrar a superfície do meu rosto. Implacáveis, os sulcos que deixa a tua charrua inflexível, Tempo irreverente e desatencioso. Atrever-me-ia a chamar-te... iconoclasta. E que prazer poderás tu sentir transformando numa ruína — venerável ruína, concordo — o templo da consagrada Beleza? Não me roubes o ensejo de rever Ulisses, meu marido, antes dos inevitáveis estragos... que certamente me destinas. Pudesse ele, malogrado esposo, contemplar ainda este rosto, em que persistem — mas não por muitos anos — vestígios incontestáveis de juventude. (Pausa.) Decerto que, em qualquer circunstância e de qualquer modo, de maior valor seria o próprio regresso de Ulisses. E não desisto de pensar que, mesmo que o Tempo me tivesse causado estragos irreparáveis, nunca ele, o desejado Ulisses, me veria desprovida de encanto. (Noutro tom.) Esta ideia não me parece desproveitável. Ou será que já escrevi algo semelhante? Bem, depois se verá. (Levanta-se.) Oh, infundável comédia! (Dirige-se novamente para a mesa de trabalho. Toma duas folhas dactilografadas, cujo teor compara por um instante. Depois, com mitigada ironia.) Não fosse o diligente, o ritual sacrifício do texto, a sistemática destruição da prosa periclitante... que teimosamente renasce... tivesse eu enovelado, persistentemente, o infundável fio das palavras... haveria agora um novelo do tamanho do mundo! Ao longo dos anos, o infatigável bichinho-daseda chamado Penélope foi segregando a pura ficção de que se alimentam os homens de boa fé. Oh, sim, tivesse eu guardado esses milhares e